

Uma mulher no comando do Brasil



Heródoto Barbeiro (*)

O Brasil é um país machista. Esta frase é repetida ao longo da história. Em alguns momentos com intensidade. Em outros, simplesmente desaparece.

O fato é que o machismo se instala no Brasil, fruto da colonização portuguesa. Desde o período colonial, raramente as mulheres tiveram chances de ser protagonistas do país. O senhor de engenho tinha o poder de vida e morte sobre seus escravos, filhos e... esposa. A tradição atravessa os séculos ainda que atenuada pela aprovação de leis que garantem, pelo menos, a integridade física da mulher. Durante pelo menos três séculos elas ficam afastadas da atividade política e, conseqüentemente, do poder.

Os partidos políticos levam pelo menos cem anos para abrir caminho para a participação de mulheres. Ainda assim, com uma série de interpretações, o que faz a representação feminina ser mais simbólica, mais fingindo que se cumpre a lei e menos um caminho aberto para a cidadania. É verdade que há honrosas exceções, principalmente no Poder Legislativo.

Já no Executivo os obstáculos são maiores e boa parte dos políticos homens duvida que uma mulher tenha força e disposição para dirigir uma

cidade ou estado. No governo central, nem pensar. A pressão para que haja igualdade sexual no Parlamento é coisa recente – e parece muito mais uma concessão do que uma conquista feminina. Mas há exemplos no mundo. No Reino Unido, elas lutaram e conseguiram o direito de voto só no século 20.

A Constituição do Brasil diz que na ausência do chefe do Poder Executivo deve assumir seu parente mais próximo. Mesmo que seja uma mulher. A aristocracia agrária não vê isso com bons olhos, mas crê que o seu cônjuge pode, de fato, dirigir os destinos do país. A mulher do imperador Pedro II está doente e o casal imperial parte para a Europa. Assume o poder no lugar dele sua filha, a Princesa Isabel, em 1871.

É a primeira de uma série de ausências do imperador. Isabel é a primeira mulher a assumir o comando do Brasil, em pleno século 19. Só compete com a Rainha Vitória, do Reino Unido. Em 1888 ela está novamente no poder. Há quem diga que foi uma armação para não desgastar Pedro II.

Ela assina a Lei Áurea, que acaba com a escravidão no Brasil.

E derruba o Império.

(*) - É professor e jornalista, âncora do **Jornal Novabrazil**, colunista do **R7**, do **Podcast**. Mestre em **História pela USP** e inscrito na **OAB**. **Palestras e mídia training**. Canal no **Youtube** (www.herodoto.com.br).

USAF proíbe óculos inteligentes e outros dispositivos

A Força Aérea dos Estados Unidos proibiu o uso de óculos inteligentes por todos os seus militares e restringiu o emprego de fones de ouvido e outros dispositivos Bluetooth por esses militares enquanto fardados.

Vivaldo José Breternitz (*)

A medida, segundo comunicado oficial, busca garantir maior segurança às instalações militares e “preservar o profissionalismo”.

Ficam proibidos o uso de lentes espelhadas e óculos com recursos de foto, vídeo ou inteligência artificial. Quanto aos fones, são permitidos apenas ao pessoal autorizado. Também foi proibido o uso de dispositivos pessoais para chamadas ou mensagens enquanto o militar estiver em serviço, salvo em emergências ou comunicações oficiais.

A decisão reflete preocupações com a segurança, já que óculos inteligentes podem gravar e enviar dados automaticamente para a nuvem, expondo informações sensíveis, principalmente acerca de instalações militares. O alerta não é novo: em 2018, aplicativos de corrida como Strava foram proibidos, pois revelaram inadvertidamente informações sobre essas instalações ao registrar trajetos de usuários.

Com relação à segurança, quase sempre negligenciada, é interessante lembrar os



Imagens_de_gustavo_quiroga_CANVA

fatos narrados pelo capitão do exército canadense, Christian Saulnier, que em seu livro *My Combat Story*, diz que soldados daquele país, lutando na guerra do Afeganistão em 2010, compravam celulares de operadoras afegãs e simplesmente ligavam para casa, contornando as limitações impostas pelos canais oficiais por razão de segurança.

Com mais de 300 mil militares na ativa, mesmo uma pequena parcela utilizando esses dispositivos representaria risco significativo. Para simplificar, a Força Aérea optou por essas proibições.

(*) **Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo**, é professor, consultor e diretor do **Fórum Brasileiro de Internet das Coisas** – vnjntz@gmail.com.

Folia, distração e o avanço silencioso do cibercrime

O Carnaval é tradicionalmente associado à festa, alegria, à celebração e ao relaxamento das rotinas. No entanto, no contexto de um mundo cada vez mais digitalizado, esse período de distração coletiva revela uma contradição incômoda: enquanto pessoas e empresas reduzem o ritmo, o ambiente digital permanece em plena atividade, e com ele, os riscos cibernéticos. Em 2026, falar em “Carnaval conectado” é reconhecer que a lógica da festa convive com uma infraestrutura tecnológica que não desacelera, criando um cenário em que a diminuição da atenção humana se transforma, silenciosamente, em oportunidade para crimes digitais.



Anderson Nascarella

trata apenas de ataques sofisticados, mas da exploração sistemática de comportamentos previsíveis em ambientes de menor atenção e controle.

O impacto econômico desse fenômeno também ajuda a dimensionar a gravidade do problema. Estudos publicados em 2025 pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) apontam que o cibercrime deverá custar US\$ 23 trilhões à economia global em 2027, um aumento de 175% em relação a 2022. Esse crescimento projeta o crime digital como uma das maiores ameaças econômicas transnacionais da próxima década, superando, em impacto financeiro, muitos setores produtivos tradicionais. A expansão desse custo não decorre apenas da sofisticação técnica dos ataques, mas da ampliação constante da superfície de exposição: mais sistemas conectados, mais dados circulando e mais interdependência entre infraestruturas críticas e redes digitais.

Quando esses dois movimentos se encontram, a escalada do custo global do cibercrime e a redução temporária da vigilância durante períodos festivos, formam-se um paradoxo relevante. A cultura da pausa, necessária do ponto de vista social e humano, não é acompanhada por uma pausa equivalente na atividade criminosa digital. Pelo contrário, a previsibilidade dos calendários se transforma em variável estratégica para agentes maliciosos, que exploram exatamente os momentos em que a atenção institucional diminui.

Refletir sobre o “Carnaval conectado” é, portanto, refletir sobre a ilusão de que riscos digitais seguem o mesmo ritmo da vida social. Eles não seguem. O que muda é a nossa postura diante deles. Se a segurança é tratada apenas como função técnica, ela enfraquece nos momentos em que as estruturas humanas se dispersam. Se é compreendida como cultura organizacional, integrada ao comportamento, aos processos e à gestão, ela tende a resistir melhor às oscilações do calendário.

A festa, por definição, é passageira. Já os efeitos de um ataque cibernético podem atravessar semanas, meses ou até anos. Em um cenário em que o cibercrime se projeta como um dos maiores custos globais da próxima década, a distração deixa de ser apenas um estado emocional e passa a ser uma variável de risco. O desafio contemporâneo não é eliminar os momentos de celebração, mas reconhecer que, no mundo hiperconectado, a atenção à segurança não pode entrar em recesso junto com o expediente. Porque, se há algo que os dados indicam com clareza, é que os riscos digitais não tiram férias, apenas esperam que alguém baixe a guarda.

(Fonte: Anderson Nascarella é Business Sales Manager da Adistec Brasil).

SAP e Fresenius aceleram a digitalização do setor de saúde

A SAP SE (NYSE: SAP) e a Fresenius anunciaram hoje a intenção de firmar uma parceria estratégica para acelerar a inovação e fortalecer a oferta de saúde digital. Juntas, as empresas planejam criar a espinha dorsal digital para um sistema de saúde soberano, interoperável e

regulatória. O objetivo é oferecer um ecossistema digital de saúde aberto, integrado e orientado por dados, que permita a hospitais e instituições médicas ao redor do mundo utilizar IA de forma segura e responsável no tratamento de dados clínicos (www.sap.com).

News@TI

Unlimitail e BR Media anunciam parceria

A Unlimitail, plataforma de Retail Media do Grupo Carrefour no Brasil, anuncia parceria com a BR Media, maior holding de creator economy do Brasil, para uma colaboração estratégica focada no desenvolvimento de um catálogo permanente e altamente segmentado de influenciadores digitais (micro e médios). O produto, intitulado como “Creator Checkout”, vai aproveitar a relevância geográfica específica dos influenciadores nas proximidades das lojas Atacadão, SAM's Club e Carrefour. Dessa forma, as marcas terão aumento comprovado da relevância e eficácia das campanhas, por meio de criadores de conteúdo com forte conexão local, e conteúdos mais autênticos, criativos e robustos, diferenciando as campanhas de Retail Media com a força narrativa única dos influenciadores locais (<https://www.unlimitail.com/>).

Novo mecanismo contra a sonegação

Uma nova ferramenta trazida pela Reforma Tributária com previsão de ser iniciada em 2027 foi pensada para reduzir drasticamente a sonegação fiscal e promete mudar de maneira significativa a forma como os impostos são recolhidos e como as empresas administram seus recursos no Brasil. Trata-se do Split Payment, um sistema de recolhimento automático de tributos onde o valor do imposto é separado do total da transação e enviado diretamente ao governo no momento do pagamento. Esse dispositivo foi instituído pela Emenda Constitucional nº 132/2023 e regulamentado pela Lei Complementar nº 214/2025 e está inserido no novo sistema de Imposto sobre Valor Agregado (IVA) brasileiro, que será composto pela Contribuição sobre Bens e Serviços (CBS), de competência federal e pelo Imposto sobre Bens e Serviços (IBS), administrado pelos estados e municípios. Mais do que uma alteração técnica, ele representa uma mudança estrutural na forma como os tributos sobre o consumo serão arrecadados.

APIs pode crescer até 21% até 2033 e ditam a competitividade empresarial

A pressão por eficiência operacional, escala e rapidez na tomada de decisão tem levado empresas de grande porte a reverem suas estruturas tecnológicas. Nesse cenário, o uso estratégico de APIs (interfaces que conectam sistemas, automatizam processos e viabilizam novos modelos de negócio) deixou de ser apenas um tema técnico e passou a ocupar um papel central nas agendas de transformação digital e crescimento sustentável dos negócios. Essa mudança é acompanhada por um forte movimento global. Segundo o relatório da consultoria SNS Insider, publicado em outubro de 2025, o API Management Market (mercado de gestão e integração de APIs), avaliado em cerca de US\$ 6,5 bilhões em 2025, deve alcançar aproximadamente US\$ 30,8 bilhões até 2033, com uma taxa de crescimento anual composta (CAGR) superior a 21%, impulsionada principalmente pela adoção de soluções em nuvem e pelos programas de transformação digital das empresas (<https://www.engdb.com.br/>).